

Paraplégicos fazem encontro em Brasília

Delegações das Associações de Deficientes Físicos de diversos estados brasileiros vieram a Brasília neste final de semana, discutir o encaminhamento do I Congresso Brasileiro de Deficientes Físicos e o estatuto da sua entidade nacional que deverá ser criada brevemente.

Estiveram presentes representantes de Brasília, São Paulo, Bahia, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Paraná, que trouxe uma plataforma de luta que será discutida entre as demais delegações. No documento, a Associação do Paraná ressalta a importância da luta contra as barreiras arquitetônicas e a necessidade de acesso aos paraplégicos em estabelecimentos como prédios escolares e edifícios públicos e aponta como caminho para a integração social do deficiente físico, o reconhecimento oficial de credenciaamentos de empregos, profissionalização e colocação do paralítico na comunidade.

POSICIONAMENTO

Durante a abertura do encontro de delegados, o diretor do Centro de Reabilitação Sarah Kubitschek, Campos da Paz, apontou importância de um posicionamento crítico que deve ser adotado pelas Associações, no que diz respeito ao tratamento que hoje é dado ao paraplégico brasileiro.

Na sua opinião, estes últimos anos se caracterizaram por uma dissociação entre a tecnologia oferecida pelas instituições e as necessidades reais dos pacientes. Para ele, a medicina atualmente se ressente de um laço mais sólido com a comunidade. Esta situação faz com que os indivíduos envolvidos percam a dimensão exata dos problemas enfrentados pelos paralí-



ticos, e as pesquisas consequentemente, são encaminhadas mais para a satisfação dos interesses individuais, do que para a resolução concreta da questão.

ENVOLVIMENTO

Segundo Campos da Paz, além de um posicionamento crítico da assistência médica oferecida, é urgente a introdução de uma discussão que vise a reabilitação global do deficiente. "Para isso é importante o envolvimento multidisciplinar de vários profissionais além do médico, psicólogo, arquiteto, fisioterapeuta, assistente social, entre outros. E ainda é necessário uma avaliação crítica da realidade brasileira, com problemas típicos de uma sociedade periférica e com graves repercussões na vida social do paraplégico".